



SEÇÃO: ARTIGOS

Bullying e interações familiares: comparações entre meninos e meninas por meio da triangulação metodológica

Bullying and family interactions: comparisons between boys and girls through of the methodological triangulation

Acoso y interacciones familiares: comparaciones entre niños y niñas a través de la triangulación metodológica

Wanderlei Abadio de
Oliveira²

orcid.org/0000-0002-3146-8197
wanderleio@hotmail.com

Jorge Luiz da Silva³

orcid.org/0000-0002-3727-8490
jorge.silva@unifran.edu.br

Simona Carla Silvia
Caravita⁴

orcid.org/0000-0003-3108-1512
simona.c.caravita@uis.no

Marta Angélica Iossi
Silva⁵

orcid.org/0000-0002-9967-8158
maiossi@eerp.usp.br

Manoel Antônio dos
Santos⁵

orcid.org/0000-0001-8214-7767
masantos@ffclrp.usp.br

Recebido em: 4 maio 2020.

Aprovado em: 22 nov. 2021.

Publicado em: 19 jul. 2023.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Resumo: O bullying afeta o desenvolvimento dos adolescentes. Este estudo objetivou comparar experiências de *bullying* e variáveis das interações familiares entre meninos e meninas. A amostra foi composta por 2.354 estudantes brasileiros (50,7% meninas; M = 14,5 anos, DP = 2,0) que responderam a duas escalas sobre *bullying* e interações familiares. 55 adolescentes participaram de entrevistas semiestruturadas. Os dados quantitativos foram analisados por meio do teste t de Student e o índice d de Cohen. A análise das entrevistas foi desenvolvida no software Atlas.TI. Identificou-se que os meninos eram mais agressores e vítimas-agressoras. Os resultados mistos indicaram poucas diferenças entre meninos e meninas no que se refere às variáveis analisadas. A comunicação positiva foi fator protetivo para as meninas, ao passo que o clima conjugal negativo e a punição física foram fatores que aumentam a vulnerabilidade para *bullying* ou vitimização para ambos os sexos. Além disso, são discutidas implicações práticas para o enfrentamento do *bullying*.

Palavras-chave: violência, relações familiares, saúde do adolescente, metodologia

Abstract: Bullying affects the development of adolescents. This study aimed to compare bullying experiences and variables of family interactions between boys and girls. The sample consisted of 2,354 Brazilian Students (50.7% girls; M = 14.5 years, SD = 2.0) who answered two scales on bullying and family interactions. 55 adolescents participate of the semi-structured interviews. Quantitative data were analyzed using Student's t-test and Cohen's d-index. The qualitative analysis of the interviews was developed in the Atlas.TI software. We identified that boys were more aggressors and victim-aggressors. The mixed results indicated that bullying and victimization manifested with few differences between boys and girls regarding the quality of family interactions. Positive communication in the family was a protective factor for girls, while negative marital climate and physical punishment increased vulnerability to bullying or victimization for both sexes. Practical implications for coping with bullying are discussed.

Keywords: violence, family relationships, adolescent health, methodology

Resumen: El acoso escolar afecta el desarrollo de los adolescentes. Este estudio tuvo como objetivo comparar experiencias de acoso y variables de interacciones familiares entre niños y niñas. La muestra consistió en 2.354 estudiantes brasileños (50.7% niñas; M = 14.5 años, SD = 2.0) que respondieron dos escalas sobre el acoso escolar y las interacciones familiares. 55 adolescentes participan de las entrevistas semiestructuradas. Los datos cuantitativos se analizaron mediante la prueba t de Student y el índice d de Cohen. El análisis cualitativo de las entrevistas se desarrolló en el software Atlas.TI. Identificamos que los niños eran más agresores y agresores de víctimas. Los resultados mixtos indicaron que el

¹ Financiamento: processo 2014/13062-7, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

² Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Campinas, SP, Brasil.

³ Universidade de Franca (UNIFRAN), Franca, SP, Brasil.

⁴ University of Stavanger (UiS), Stavanger, Noruega.

⁵ Universidade de São Paulo (USP), Ribeirão Preto, SP, Brasil.

acoso y la victimización se manifestaron con pocas diferencias entre niños y niñas con respecto a la calidad de las interacciones familiares. La comunicación positiva en la familia fue un factor protector para las niñas, mientras que el clima marital negativo y el castigo físico aumentaron la vulnerabilidad al acoso escolar o la victimización para ambos sexos. Se discuten las implicaciones prácticas para hacer frente al acoso escolar.

Palabras clave: violencia, relaciones familiares, salud del adolescente, metodología

O *bullying* escolar é um tipo de violência comum e que afeta a saúde e o desenvolvimento dos adolescentes (Kokkinos & Kipritsi, 2018; Zequinão et al., 2020). Ele é caracterizado a partir da identificação de agressões entre pares que ocorrem de forma repetitiva, intencional e baseadas no desequilíbrio simbólico de poder existente entre vítimas e agressores (Olweus, 2013). As taxas de ocorrência do fenômeno nas escolas de todo o mundo são altas. No Brasil, as três edições da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (2009, 2012, 2015) identificaram taxas aproximadas de 7% de vitimização e 21% de prática de *bullying* (Mello et al., 2017; Oliveira et al., 2015). A alta prevalência do fenômeno o converteu em um problema de saúde pública, com implicações deletérias para o desenvolvimento e bem-estar pessoal (Arslan et al., 2021).

As consequências do envolvimento dos estudantes com o fenômeno incluem comprometimentos na saúde mental, diminuição do bem-estar subjetivo e no desempenho escolar das vítimas (Mello et al., 2017; Arslan et al., 2021), além do aumento da possibilidade de envolvimento dos agressores em comportamentos de risco à saúde (uso abusivo de álcool e drogas, atividade sexual precoce e desprotegida, por exemplo), criminalidade e violência em outros momentos do ciclo vital (Silva et al., 2016). Um estudo que contou com a participação de 1.884 adolescentes espanhóis identificou que agressores e vítimas de *bullying* apresentavam um perfil psicossocial menos adaptativo do que os estudantes não envolvidos com o fenômeno (Povedano et al., 2012).

Em geral, os meninos estão mais diretamente envolvidos em todas as situações de *bullying*, sobretudo nas agressões físicas, e as meninas nas suas manifestações indiretas, como espalhar boatos e manipular amizades (Silva et al.,

2013). Contudo, os meninos apresentaram perfis mais adaptativos, ou seja, adaptavam-se melhor às interações sociais, quando comparados com as meninas que também sofriam mais as consequências da violência na escola em uma investigação desenvolvida na Espanha e mencionada anteriormente (Povedano et al., 2012). Esse cenário pode ser explicado por questões sociais, pois os meninos tendem a ser mais incentivados à violência e à expressão franca do comportamento agressivo, enquanto se espera que as meninas sejam passivas e evitem confrontos, valores disseminados desde os primeiros anos (Povedano et al., 2012; Silva et al., 2013). Por outro lado, as meninas podem apresentar maior rede de apoio social e a elas é permitido relatar fragilidades relacionadas às agressões sofridas.

Além disso, o *bullying* está correlacionado com funcionalidades ou aspectos familiares (Bozan et al., 2021; Zequinão et al., 2020). Nesse sentido, uma revisão da literatura que compreendeu estudos majoritariamente internacionais revelou as associações possíveis entre essas variáveis (Oliveira et al., 2018). As evidências sintetizadas no estudo de revisão indicaram que pais ou cuidadores percebidos como compreensivos, que apoiam os filhos, supervisionam a lição de casa e sabem como eles passam o tempo livre protegem os estudantes em relação ao *bullying* e à vitimização (Oliveira et al., 2018). De forma inversa, famílias conflituosas, com experiências de abusos e violência doméstica, práticas parentais severas ou uso de castigos físicos, são mais associadas à ocorrência do fenômeno nas escolas (Fernandes et al., 2020; Oliveira et al., 2018).

A partir dessa revisão da literatura (Oliveira et al., 2018), observou-se que as influências familiares no envolvimento ou não dos estudantes em situações de *bullying* são explicadas no âmbito do microsistema "família". Segundo a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento, um microsistema se refere ao ambiente dentro do qual as pessoas se relacionam em um contexto imediato (família e escola, separadamente, por exemplo) (Bronfenbrenner, 2011). A teoria propõe que a experiência imediata nas relações interpessoais é

o que melhor define o conceito de microsistema (Ashiabi & O'Neal, 2015; Bronfenbrenner, 2011). Influências desse nível do desenvolvimento que aumentam ou diminuem as chances de *bullying* incluem o tipo e o nível de envolvimento familiar, de relacionamentos e como os conflitos são resolvidos.

Esse cenário introdutório revela que as questões relacionadas às diferenças entre os sexos compõem uma variável relevante a ser considerada nos estudos sobre *bullying* escolar, da mesma forma que as relações familiares devem ser incluídas no debate sobre a questão. Assim, o presente estudo contribui com uma abordagem mista e baseada na perspectiva bioecológica do desenvolvimento sobre como as interações familiares influenciam no comportamento de *bullying* ou vitimização de estudantes brasileiros, considerando diferenças ou semelhanças entre os sexos. Objetivou-se comparar experiências de *bullying* e variáveis das interações familiares em uma amostra de adolescentes de uma cidade do interior de Minas Gerais, Brasil.

Método

Cenário e participantes

Este estudo transversal combinou métodos quantitativos e qualitativos por meio da abordagem da triangulação metodológica (Paranhos et al., 2016). No caso desse estudo, dados quantitativos foram integrados a dados qualitativos que foram coletados concomitantemente junto a adolescentes. Destaca-se que nesse estudo se utiliza o marcador etário para adolescência da Organização Mundial da Saúde (OMS) que compreende esse momento do desenvolvimento como vivido entre os 10 e os 19 anos (World Health Organization [WHO], 2020).

A pesquisa foi desenvolvida em 11 escolas públicas de uma cidade do interior de Minas Gerais. A cidade foi selecionada por conveniência. O tamanho da amostra foi calculado com base na seleção de estratos e não de sujeitos, por meio do método Amostragem com Probabilidade Proporcional ao Tamanho (Probability Proportional

to Size [PPS]).

Foram considerados os seguintes critérios de inclusão para os participantes: (a) ter idade entre 10 e 19 anos; (b) estar regularmente matriculado do 6º ao 9º ano do ensino fundamental ou do 1º ao 3º ano do ensino médio; e (c) ser estudante do turno matutino. Dentre as escolas selecionadas, 2.354 estudantes participaram da investigação. Desse total de participantes, 55 estudantes foram sorteados segundo a estratégia de amostragem por variação máxima.

Instrumentos

Escala de Agressão e Vitimização entre Pares (Weber & Dessen, 2011). Instrumento de autorrelato desenvolvido no Brasil para investigar agressão e vitimização entre pares no contexto escolar. A escala é composta por 18 enunciados afirmativos, que descrevem comportamentos agressivos específicos. São exemplos de enunciados da escala: "eu provoquei colegas"; "colegas roubaram, mexeram ou estragaram minhas coisas". Os itens da escala são avaliados em sistema Likert de cinco pontos medindo a frequência dos comportamentos estudados (1 – nunca; 2 – quase nunca; 3 – às vezes; 4 – sempre; 5 – quase sempre). A estrutura da escala em relação ao grupo amostral foi testada por meio de análise fatorial e o grau de ajuste dos dados foi verificado pelos testes KMO (0,90 e 0,89) e Bartlett's Test ($p = 0,000$), que indicaram a adequação do método para o tratamento das escalas. Os 10 itens que avaliam a agressividade dos estudantes apresentaram alfa de Cronbach de 0,83, e os nove itens da escala de vitimização mostraram um valor de 0,84.

Escala de Qualidade de Interação Familiar (Weber & Dessen, 2011). Instrumento de autorrelato desenvolvido no Brasil e que avalia nove fatores da interação familiar, quais sejam: (a) envolvimento; (b) regras e monitoria; (c) punição corporal; (d) comunicação positiva; (e) comunicação negativa; (f) clima conjugal positivo; (g) clima conjugal negativo; (h) modelo parental; e (i) sentimento dos filhos em relação aos pais. No total, são 40 itens, mensurados por meio de um sistema Likert de 5 pontos (1 – nunca; 2 – quase nunca; 3 – às vezes;

4 – sempre; 5 – quase sempre). São exemplos de questões afirmativas da escala: "meus pais fazem carinho um no outro"; "meus pais costumam me xingar ou falar palavrões para mim". A estrutura da escala para a amostra do estudo também foi testada por meio da análise fatorial, que verificou o grau de ajuste dos dados (KMO – 0,86 e 0,60; Bartlett's Test – $p = 0,000$). Os índices de consistência interna (alfa de Cronbach) das nove dimensões avaliadas nas duas escalas atingiram 0,65 (escala negativa) e 0,84 (escala positiva), apresentando índices satisfatórios de confiabilidade para o tamanho amostral e o tipo de estudo desenvolvido (exploratório e transversal).

Roteiro de entrevista semiestruturada. Construído a partir das recomendações da literatura científica, o roteiro sintetizou os indicadores do estudo, a saber: (a) tipos de interação familiar; (b) *bullying* e sentimentos relacionados à sua prática ou vitimização; (c) como resolviam seus problemas ou as situações de *bullying*; e (d) as percepções de si, da vida e sobre possíveis figuras de apego. São exemplos de perguntas que constam no roteiro: "Fale-me como é sua relação com seus pais?" "Você acha que a maneira como as coisas acontecem na sua casa influencia no que acontece na escola com você?" Também foram utilizadas perguntas de acompanhamento para esclarecer as respostas dos participantes ("Como assim? O que você quer dizer com isso? Você poderia me dar exemplos?").

Procedimentos

Previamente ao desenvolvimento do estudo foram solicitadas autorizações à Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais e às escolas selecionadas. A etapa de coleta de dados quantitativos precedeu a coleta de dados qualitativos. O pesquisador responsável conduziu a coleta de dados nas escolas, acompanhado de forma voluntária por três estudantes de graduação da Psicologia, que foram previamente capacitados para a aplicação das escalas. No primeiro contato, os estudantes recebiam as informações relacionadas à pesquisa e eram orientados sobre a coleta dos termos de consentimento livre e esclarecido junto aos seus pais ou responsáveis.

No dia seguinte, coletivamente, os participantes aptos responderam as duas escalas, sendo auxiliados pelos pesquisadores em suas dúvidas. O tempo médio da aplicação das escalas foi de 50 minutos em cada turma. Na sequência, o pesquisador responsável sorteou os estudantes para participação nas entrevistas semiestruturadas, que foram conduzidas em salas reservadas, sem a presença de outros estudantes ou professores. As entrevistas foram audiogravadas e transcritas posteriormente. O tempo médio de cada entrevista foi de 12 minutos. Todos os procedimentos de coleta de dados aconteceram entre os meses de agosto e outubro de 2014.

Análises dos dados quantitativos e qualitativos

A análise estatística foi realizada utilizando o pacote SPSS versão 21. Inicialmente, realizou-se uma análise descritiva exploratória para avaliar a frequência de distribuição das variáveis. Para qualificar os estudantes como não envolvidos, agressores, vítimas e vítimas agressoras foi utilizada a análise de agrupamento *K-means clustering*. Em seguida, para cada *status* de situação de envolvimento com o *bullying*, os adolescentes do sexo masculino foram comparados com os adolescentes do sexo feminino em relação à média das nove dimensões por meio do teste t-Student para amostras independentes. A magnitude de efeito das diferenças estatisticamente significantes foi calculada por meio do índice d de Cohen (Cohen, 1988) considerando os valores: muito pequeno se $d < 0,20$; pequeno se $0,20 \leq d < 0,50$, médio se $0,50 \leq d < 0,80$ e grande se $d \geq 0,80$). Fatores preditores para o *bullying* e a vitimização foram também analisados por meio de modelos de regressão logística multivariada.

Os dados provenientes das entrevistas foram analisados com apoio do *software* Atlas.TI versão 7 para confirmação de categorias temáticas, definidas *a priori* segundo as nove dimensões da qualidade de interação familiar analisadas. Essa análise ocorreu a partir dos resultados produzidos via análise quantitativa, seguindo a perspectiva da estratégia explicativa sequencial (Paranhos et al., 2016). Os procedimentos de análise quantita-

tivos e qualitativos compuseram o processo de triangulação metodológica do estudo (Paranhos et al., 2016).

Questões éticas

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (CAAE: 24555313.6.0000.5393, Parecer: 484.912). Para preservar a identidade dos participantes, eles serão identificados nos fragmentos das entrevistas por meio de códigos relacionados ao sexo e número da entrevista, à idade e ao tipo de envolvimento em situações de *bullying* (por exemplo, participante 1: Menino 1, 17 anos, agressor; participante 2: Menina 2, 12 anos, vítima; e, assim, sucessivamente).

Resultados

A maioria dos participantes (74,2%) do estudo referiu não estar envolvida em nenhum tipo de situação de *bullying* nos últimos seis meses. Uma proporção maior de meninas (41%) relatou não envolvimento na prática ou sofrimento de *bullying*, comparado com os meninos (33,2%). O exame

descritivo sobre a prevalência de experiências de *bullying* e vitimização indicou uma taxa total de 25,8%, sendo que os agressores somaram 10,3%, as vítimas 10,1% e as vítimas-agressoras 5,4%. Os meninos foram mais identificados como agressores (7,4%) e vítimas-agressoras (3,9%) quando comparados com as meninas (2,9%;1,5%). As meninas (5,2%) eram mais vítimas que os meninos (4,9%). Análise de regressão logística multivariada mostraram, com resultados estatisticamente significantes, que o sexo masculino foi mais associado com todos os grupos de envolvimento com as situações de *bullying* e vitimização, ao passo que o sexo feminino foi mais associado ao de estudantes não envolvidos.

No que se refere à qualidade das interações familiares, devido às múltiplas comparações entre os sexos e os *status* de envolvimento com o *bullying*, foi utilizado o teste t-Student e o índice d de Cohen para estimar o tamanho do efeito das diferenças significantes. Nessa vertente, os dados relacionados aos estudantes não envolvidos em situações de *bullying* estão apresentados na Tabela 1.

Tabela 1 – Dimensões de interação familiar de estudantes não envolvidos em situações de bullying e vitimização, por sexo (n = 1.747)

Dimensões	Não Envolvidos						
	Meninos (n = 781)		Meninas (n = 966)		t [‡]	d [*]	p [§]
	M [‡]	DP [‡]	M	DP			
Envolvimento	4,03	0,79	3,87	0,95	3,87	0,18	0,00
Regras e monitoria	4,14	0,82	4,27	0,75	-3,23	-0,16	0,00
Punição física	1,88	0,73	2,15	0,90	-6,91	-0,33	0,00
Comunicação positiva	1,85	0,84	2,06	0,98	-4,78	-0,23	0,00
Comunicação negativa	2,97	1,06	3,09	1,15	-2,35	-0,11	0,02
Clima conjugal positivo	3,32	1,23	3,14	1,25	2,98	0,14	0,00
Clima conjugal negativo	4,06	0,88	3,93	0,89	2,95	0,14	0,00
Modelo parental	4,52	0,70	4,43	0,78	2,45	0,12	0,01
Sentimento dos filhos	1,58	0,77	1,47	0,70	3,17	0,15	0,00

Observações: [‡]média; [‡]desvio padrão; [‡]t-*student*; ^{*}d de Cohen; [§]p<0,05

Entre os estudantes não envolvidos foram identificadas diferenças estatisticamente significantes nas nove dimensões avaliadas sobre a

qualidade das interações familiares. Contudo, o efeito dessa diferença (medida d de Cohen) foi muito pequeno para os domínios regras e

monitoria, punição física, comunicação positiva e comunicação negativa, e pequeno para os demais domínios. As médias obtidas pelos meninos foram maiores (d de Cohen positivo) nas escalas positivas: envolvimento, clima conjugal positivo, modelo e sentimentos dos filhos e na escala negativa clima conjugal negativo. Entre as me-

ninas, as maiores médias (d de Cohen negativo) foram registradas nas escalas positivas regras e monitoria e comunicação positiva, e nas escalas negativas punição física e comunicação negativa.

Na Tabela 2 são apresentados os dados dos estudantes identificados como agressores.

Tabela 2 – Dimensões de interação familiar de estudantes agressores, por sexo (n = 243)

Dimensões	Agressores				t [‡]	d ⁺	p [§]
	Meninos (n = 174)		Meninas (n = 69)				
	M [*]	DP [†]	M	DP			
Envolvimento	3,70	0,87	3,45	0,97	1,94	0,27	0,05
Regras e monitoria	3,82	0,83	3,94	0,78	-1,08	-0,16	0,28
Punição física	2,40	0,91	2,80	0,88	-3,17	-0,46	0,00
Comunicação positiva	2,13	0,96	2,83	1,10	-4,85	-0,67	0,00
Comunicação negativa	2,63	1,09	2,76	1,03	-0,82	-0,12	0,41
Clima conjugal positivo	3,14	1,21	2,68	1,30	2,59	0,36	0,01
Clima conjugal negativo	3,80	0,90	3,57	1,09	1,55	0,23	0,12
Modelo parental	4,33	0,82	4,05	1,00	2,07	0,31	0,04
Sentimento dos filhos	1,72	0,83	1,74	0,90	-0,18	-0,03	0,86

Observações: *média; †desvio padrão; ‡t-student; +d de Cohen; §p < 0,05

Observou-se nesse grupo diferenças estatisticamente positivas entre meninos e meninas nas dimensões punição física, comunicação positiva, clima conjugal positivo e modelo. O efeito dessa diferença foi médio para as meninas na escala comunicação positiva (t = 4,85, p < 0,00, Cohen's d = -0,67). As outras três diferenças identifica-

das apresentaram efeito pequeno. Verificou-se que as meninas identificadas como agressoras referiram maior índice de punição física, sendo pequeno o efeito da diferença (t=-3,17, p<0,00, Cohen's d=-0,46).

Os dados dos estudantes vitimizados estão apresentados na Tabela 3.

Tabela 3 – Dimensões de interação familiar de estudantes vitimizados, por sexo (n = 237)

Dimensões	Vítimas				t [‡]	d ⁺	p [§]
	Meninos (n = 115)		Meninas (n = 122)				
	M [*]	DP [†]	M	DP			
Envolvimento	4,01	0,80	3,48	1,17	4,13	0,53	0,00
Regras e monitoria	4,19	0,79	3,94	0,93	2,24	0,29	0,03
Punição física	2,34	1,01	2,75	1,12	-2,98	-0,39	0,00
Comunicação positiva	2,23	1,12	2,27	1,12	-0,24	-0,03	0,81
Comunicação negativa	2,97	1,11	2,81	1,18	1,07	0,14	0,29
Clima conjugal positivo	3,15	1,25	2,90	1,29	1,53	0,20	0,13
Clima conjugal negativo	4,03	0,86	3,67	0,98	2,98	0,39	0,00
Modelo parental	4,51	0,65	4,13	0,97	3,55	0,46	0,00
Sentimento dos filhos	1,98	1,02	1,96	1,00	0,15	0,02	0,88

Observações: *média; †desvio padrão; ‡t-student; +d de Cohen; §p<0,05

Os meninos apresentaram maiores médias com diferenças significantes e efeito médio na dimensão envolvimento ($t = 4,13$, $p < 0,00$, Cohen's $d = 0,53$) e efeito pequeno nas dimensões regras e monitoria ($t = 2,24$, $p < 0,03$, Cohen's $d = 0,29$) e modelo ($t = 3,55$, $p < 0,00$, Cohen's $d = 0,46$), assim como na escala negativa do clima conjugal

($t = 2,98$, $p < 0,00$, Cohen's $d = 0,39$). As meninas vitimizadas também refeririam maior índice de punição física, sendo pequeno o efeito da diferença ($t = -2,98$, $p < 0,00$, Cohen's $d = -0,39$).

Na Tabela 4 são apresentados os dados das vítimas-agressoras.

Tabela 4 – Dimensões de interação familiar de estudantes vítimas-agressoras, por sexo (n=237)

Dimensões	Vítimas-agressoras				t [†]	d [*]	p [§]
	Meninos (n = 92)		Meninas (n = 35)				
	M [‡]	DP [‡]	M	DP			
Envolvimento	3,88	1,01	3,28	1,03	2,99	0,59	0,00
Regras e monitoria	3,97	0,90	4,10	0,70	-0,82	-0,17	0,42
Punição física	2,60	1,08	3,00	1,09	-1,86	-0,37	0,07
Comunicação positiva	2,31	1,16	2,73	1,26	-1,76	-0,34	0,08
Comunicação negativa	2,84	1,08	2,80	1,08	0,16	0,03	0,87
Clima conjugal positivo	3,16	1,31	2,83	1,24	1,26	0,25	0,21
Clima conjugal negativo	3,97	1,05	3,31	1,21	3,04	0,58	0,00
Modelo parental	4,35	0,99	3,86	1,17	2,36	0,45	0,02
Sentimento dos filhos	2,05	1,20	2,10	1,24	-0,17	-0,03	0,87

Observações: [‡]média; [‡]desvio padrão; [†]t-student; ^{*}d de Cohen; [§]p<0,05

Para as vítimas-agressoras, houve diferenças significantes nas dimensões envolvimento, clima conjugal negativo e modelo. Os meninos, quando comparados com as meninas, apresentaram melhores médias de envolvimento ($t = 2,99$, $p < 0,00$, Cohen's $d = 0,59$) e modelo ($t = 2,36$, $p < 0,02$, Cohen's $d = 0,45$), com efeito médio e pequeno, respectivamente. Da mesma forma, os meninos referiram mais clima conjugal negativo dos pais do que as meninas, sendo o efeito da diferença avaliado como médio ($t = 3,04$, $p < 0,00$, Cohen's $d = 0,58$).

Os dados qualitativos confirmaram esse cenário, revelando que os estudantes não envolvidos em situações de *bullying* ou vitimização possuíam melhores interações familiares quando comparados com os estudantes agressores, vítimas e vítimas-agressoras. Ao mesmo tempo, percebeu-se entre os estudantes não envolvidos

um predomínio de experiências e clima positivos na família para ambos os sexos. No caso dos agressores, as meninas referiram boa comunicação na família, assim como mais episódios de punição física. Embora os meninos tenham manifestado boas experiências domésticas, isso não os impediu de praticar agressões contra os colegas. Para as vítimas, os meninos referiram de forma ambígua alto nível de envolvimento e ambientes conflituosos, ao passo que as meninas referiram mais episódios de punição física. Entre os estudantes entrevistados não houve referência ao *status* de vítima-agressora. Os dados empíricos das entrevistas foram agrupados segundo as dimensões de interação familiar analisadas no presente estudo e estão apresentados no Quadro 1.

Quadro 1 – Categorias temáticas definidas a priori segundo as nove dimensões da qualidade de interação familiar analisadas no estudo (n = 55)

Dimensão da interação familiar	Fragmentos empíricos
Envolvimento	A gente [família] convive bem. Não tem nenhum conflito. (Menino 26, 16 anos, não-envolvido) Minha mãe é muito minha amiga, não temos problemas familiares. (Menina 53, 15 anos, não-envolvida)
Regras e monitoria	Meu pai é bravo em relação a deixar sair, dependendo das amizades que eu tenho ele também não gosta muito. (Menina 31, 18 anos, não-envolvida) Eu ajudo minha mãe com as coisas de casa. Não tem tantas regras. Eu saio, mas não pode chegar tarde. (Menino 8, 16 anos, agressor)
Punição física	Na casa do meu pai, a minha madrasta me batia, só que meu pai também bate nela. (Menina 4, 14 anos, agressora) Me dá uma raiva disso, principalmente meu pai, quando ele bebe, fica nervoso e desconta tudo em mim. É bem difícil, porque quando os pais batem demais não adianta nada. (Menina 16, 12 anos, vítima)
Comunicação positiva	Meu pai me ajuda, ele me ajuda, dá conselhos bons. (Menino 11, 17 anos, não-envolvido) A gente sempre está conversando. Meu pai, ele procura deixar as coisas bem claras. Eu confio nele e conto tudo para ele. (Menina 31, 18 anos, não-envolvida) Eu conto tudo para minha mãe. Ela me dá bastante carinho, também dá bronca quando precisa. (Menino 3, 13 anos, agressor)
Comunicação negativa	Meus pais falam algumas coisas que eu não aceito, aí a gente briga. (Menino 18, 13 anos, agressor) Minha mãe grita muito comigo, fica me comparando com a minha irmã. (Menina 13, 13 anos, vítima)
Clima conjugal positivo	Meu pai mora no quarteirão debaixo da minha casa. Ele e minha mãe são muito amigos, sempre entram em acordo. (Menina 53, 15 anos, não-envolvida)
Clima conjugal negativo	Ficar longe do meu pai também é ruim, não poder ficar junto. (Menina 24, 12 anos, não-envolvida) Porque meu pai, quando está com problema com minha mãe, vem descontar em mim. Desconta tudo em mim. (Menina 16, 12 anos, vítima)
Modelo parental	Meu pai é meu exemplo, ele é melhor que qualquer pessoa. Qualquer coisa que preciso eu vou a ele. Desde pequeno, tudo que acontecia eu ia, eu falava para ele. (Menino 9, 17 anos, agressor)
Sentimento dos filhos	Família para mim é tudo. Minha mãe é minha vida. (Menino 26, 16 anos, não-envolvido)

Discussão

Este estudo de método misto utilizou a triangulação metodológica e teve por objetivo comparar experiências de *bullying* e variáveis das interações familiares. O sexo masculino foi mais associado com todos os grupos de envolvimento com as situações de *bullying* e vitimização. Os resultados corroboraram a hipótese de que adolescentes que experimentam com maior frequência a prática do *bullying* ou são vítimas de agressões também experimentam maiores

níveis de problemas nas interações familiares. Entrementes, no conjunto, foram identificadas diferenças sutis na qualidade das interações familiares de meninos e meninas nos quatro grupos de estudantes avaliados. Depreendeu-se que a comunicação positiva na família é um fator protetivo para as meninas, ao passo que o clima conjugal negativo e a punição física foram considerados como aspectos que aumentam a vulnerabilidade para o *bullying* ou a vitimização

para ambos os sexos.

O maior envolvimento dos estudantes do sexo masculino com as situações de *bullying* é coerente com os resultados de estudos anteriores (Bandeira & Hutz, 2012; Silva et al., 2013; Povedano et al., 2012). Em geral, os meninos são mais tolerantes às agressões e ao uso da violência como estratégia de resolução de conflitos (Silva et al., 2013). Por outro lado, as meninas são mais empáticas e apresentam maiores índices de autorregulação e crenças de autoeficácia, que preveem comportamentos sociais positivos e preocupações interpessoais (Povedano et al., 2012). Entrementes, essas características do sexo feminino podem aumentar o nível de problemas de internalização e a capacidade para lidar com formas mais sutis do *bullying*, como a violência verbal ou psicológica (Silva et al., 2013).

Essas diferenças podem ser explicadas, em alguma medida, segundo as diferenças na forma como mulheres e homens são socializados. É por meio do processo de socialização que são construídos entendimentos ou interpretações sobre fenômenos sociais como o *bullying* (Byrne et al., 2016). Nesse sentido, as estudantes do sexo feminino, quando comparadas com os meninos, podem ser mais sensíveis aos efeitos ou à ocorrência do *bullying* por serem estimuladas desde os primeiros anos a falarem de seus sentimentos e serem solidárias (Stark et al., 2019). Essa análise coincide com os dados encontrados, sobretudo, nas entrevistas realizadas nessa pesquisa. Contudo, ainda são necessárias pesquisas para entender a dinâmica do *bullying* com base na diferença entre sexos.

O presente estudo também demonstrou que as características positivas da família podem contribuir para minimizar a ocorrência do *bullying* ou ampliar o suporte às vítimas. Nesse sentido, a comunicação positiva assumiu destaque na análise dos dados, sobretudo para o sexo feminino, indicando que adolescentes que podem conversar facilmente com seus pais processam em conjunto experiências escolares e com o grupo de pares. A comunicação entre pais e filhos é um tema recorrente na literatura so-

bre *bullying* e variáveis familiares, aparecendo como indicador do clima e da maneira como as relações na dimensão familiar se configuram (Ledwell & King, 2015). Via de regra, percebe-se nos estudos que a boa comunicação com os pais reduziu a probabilidade de vitimização (Oliveira et al., 2018). Contudo, pesquisas futuras devem explorar como a comunicação positiva pode assumir efeito protetivo.

Em outra direção, tanto para os meninos quanto para as meninas, experiências familiares marcadas pelo clima conjugal negativo e por punição física aumentavam as chances de os estudantes serem incluídos em um dos *status* de envolvimento com as situações de *bullying*. Especificamente, o clima conjugal negativo ameaça o desenvolvimento e a segurança emocional dos filhos, reforçando aspectos da negatividade das interações sociais e o uso de estratégias como submissão, afastamento, hostilidade ou agressão (Goulart & Wagner, 2013). O uso de técnicas de disciplina parental autoritária e punitiva, por seu turno, já foi mais efetivamente associado à ocorrência do *bullying*, aspecto explicado pela perspectiva da reprodução da violência ou da aprendizagem de modos válidos para a manutenção do poder no grupo de pares (Oliveira et al., 2018; Zequinão et al., 2020).

Destaca-se que as dimensões da qualidade das interações familiares compõem aquilo que é nomeado na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento como microsistema (Bronfenbrenner, 2011). O microsistema se caracteriza pelo padrão de atividades, papéis sociais e relações interpessoais vividas pela pessoa ou por um grupo de pessoas diretamente em um ambiente (Bronfenbrenner, 2011). Nesse nível, variáveis podem promover ou inibir comportamentos que vulnerabilizam as pessoas em relação ao desenvolvimento saudável (Ashiabi & O'Neal, 2015). Repetidas experiências no microsistema família conduzem crianças e adolescentes a internalizar padrões de comportamentos e atitudes que moldarão a conduta social, perspectiva relevante para compreender o *bullying* (Huang et al., 2013).

Nesse sentido, a compreensão sobre os con-

textos familiares que favorecem as relações, os afetos, a comunicação positiva e o envolvimento, pode refletir em sentimentos positivos e respostas de competência e maior adaptação psicossocial dos estudantes. O clima familiar é, portanto, um elemento básico na etiologia de comportamentos de *bullying* na escola, aspecto revelado pelos dados quantitativos e qualitativos no presente estudo. É nesta dimensão da vida que ocorrem aprendizagens de comportamento e manejo social, e a internalização de métodos que podem se traduzir em estratégias de relacionamento que extrapolam o contexto familiar, que se converte em produtor de fatores determinantes de proteção ou de vulnerabilidade.

Salienta-se que, embora os efeitos das diferenças entre os sexos sejam sutis, elas oferecem implicações práticas para a saúde do escolar no enfrentamento do *bullying*, principalmente na atenção primária à saúde que oferece cuidado às famílias. Nas escolas, as necessidades específicas do desenvolvimento de cada sexo devem ser consideradas, pois ainda que de forma sutil o comportamento de *bullying* é dependente de diferentes variáveis. Por exemplo, intervenções direcionadas aos meninos podem se concentrar nas manifestações diretas ou físicas do *bullying*, bem como no desenvolvimento da empatia e tolerância, enquanto aquelas direcionadas às meninas podem focalizar as agressões verbais ou psicológicas e o empoderamento das vítimas.

Conclusões

Por meio de seus efeitos interacionais, o clima afetivo, a comunicação, as práticas educativas, a supervisão e a maneira como as interações acontecem e são percebidas nas famílias podem influenciar na conduta social dos adolescentes, podendo exercer efeitos diretos ou indiretos no seu envolvimento com o *bullying*. Dessa forma, o estudo em tela contribui com a literatura sobre o *bullying* escolar em três direções: (a) a partir da inclusão de variáveis familiares para compreender o fenômeno; (b) o exame de evidências quantitativas e qualitativas por meio da triangulação metodológica; e (c) a particularização dos dados

por sexo de forma comparativa e interpretativa.

Embora sejam reconhecidos os pontos fortes desse estudo, existem limitações que precisam ser consideradas. Primeiramente, a natureza transversal dos dados não permite realizar inferências causais sobre como as variáveis das interações familiares influenciam no envolvimento dos estudantes em agressões ou para se tornem vítimas. Em segundo lugar, a perspectiva dos adolescentes é apenas uma das facetas para compreender a relação entre o fenômeno em estudo e as questões familiares. Por fim, a coleta de dados por meio de instrumentos de autorrelato e entrevistas semiestruturadas pode ter favorecido a manifestação de respostas esperadas e socialmente aceitas pelo pesquisador. Pesquisas que incluem outros informantes ou a técnica de nomeação de pares podem diminuir os efeitos dessa limitação.

Referências

- Arslan, G., Allen, K. A., & Tanhan, A. (2021). School bullying, mental health, and wellbeing in adolescents: mediating impact of positive psychological orientations. *Child Indicators Research*, *14*, 1007-1026. <https://doi.org/10.1007/s12187-020-09780-2>
- Ashiabi, G. S., & O'Neal, K. K. (2015). Child social development in context: An examination of some propositions in Bronfenbrenner's Bioecological Theory. *Sage Open*, *5*(2), 1-14. <http://dx.doi.org/10.1177/2158244015590840>
- Bandeira, C. d. M., & Hutz, C. S. (2012). Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. *Psicologia Escolar e Educacional*, *16*(1), 35-44. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572012000100004>
- Bozan, K., Evgin, D., & Beşer, N. G. (2021). Relationship bullying in adolescent period with family functionalities and child behaviors. *Psychology in the Schools*, *58*, 1451-1473. <https://doi.org/10.1002/pits.22501>
- Bronfenbrenner, U. (2011). *A ecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos* (A. Carvalho-Barreto, Trad.). Artes Médicas.
- Byrne, H., Dooley, B., Fitzgerald, A., & Dolphin, L. (2016). Adolescents' definitions of bullying: the contribution of age, gender, and experience of bullying. *European Journal of Psychology of Education*, *31*(3), 403-418. <http://dx.doi.org/10.1007/s10212-015-0271-8>
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Fernandes, G., Yunes, M. A. M., & Finkler, L. (2020). The social networks of adolescent victims of domestic violence and bullying. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 30, e3007. <https://doi.org/10.1590/1982-4327e3007>

Goulart, V. R., & Wagner, A. (2013). Os conflitos conjugais na perspectiva dos filhos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 65, 392-408. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672013000300006&lng=pt&tlng=pt

Huang, H., Hong, J. S., & Espelage, D. L. (2013). Understanding factors associated with bullying and peer victimization in Chinese schools within ecological contexts. *Journal of Child and Family Studies*, 22(7), 881-892. <http://dx.doi.org/10.1007/s10826-012-9647-4>

Kokkinos, C. M., & Kipritsi, E. (2018). Bullying, moral disengagement and empathy: exploring the links among early adolescents. *Educational Psychology*, 38(4), 535-552. <http://dx.doi.org/10.1080/01443410.2017.1363376>

Ledwell, M., & King, V. (2015). Bullying and internalizing problems: gender differences and the buffering role of parental communication. *Journal of Family Issues*, 36(5), 543-566. <http://dx.doi.org/10.1177/0192513x13491410>

Mello, F. C. M., Silva, J. L., Oliveira, W. A., Prado, R. R., Malta, D. C., & Silva, M. A. I. (2017). The practice of bullying among Brazilian schoolchildren and associated factors, National School Health Survey 2015. *Ciencia & Saude Coletiva*, 22(9), 2939-2948. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232017229.12762017>

Oliveira, W. A., Silva, J. L., Alves Querino, R., Santos, C. B., Ferriani, M. G. C., Santos, M. A., & Silva, M. A. I. (2018). Revisão sistemática sobre bullying e família: uma análise a partir dos sistemas bioecológicos. *Revista de Salud Pública*, 20, 396-403. <http://dx.doi.org/10.15446/rsap.V20n3.47748>

Oliveira, W. A., Silva, M. A. I., Mello, F. C. M., Porto, D. L., Yoshinaga, A. C. M., & Malta, D. C. (2015). The causes of bullying: results from the National Survey of School Health (PeNSE). *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 23(2), 275-282. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-1169.0022.2552>

Olweus, D. (2013). School bullying: Development and some important challenges. *Annual Review of Clinical Psychology*, 9(1), 751-780. <http://doi/10.1146/annurev-clinpsy-050212-185516>

Paranhos, R., Figueiredo Filho, D. B., Rocha, E. C., Silva Júnior, J. A., & Freitas, D. (2016). Uma introdução aos métodos mistos. *Sociologias*, 18, 384-411. <http://dx.doi.org/10.1590/15174522-018004221>

Povedano, A., Estevez, E., Martinez, B., & Monreal, M. C. (2012). A psychosocial profile of adolescent aggressors and school victims: analysis of gender differences. *Revista De Psicologia Social*, 27(2), 169-182. <http://dx.doi.org/10.1174/021347412800337906>

Silva, J. L., Oliveira, W. A., Bono, E. L., Dib, M. A., Bazon, M. R., & Silva, M. A. I. (2016). Associações entre bullying escolar e conduta infracional: revisão sistemática de estudos longitudinais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(1), 81-90. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-37722016012241081090>

Silva, M. A., Pereira, B., Mendonca, D., Nunes, B., & Oliveira, W. A. (2013). The involvement of girls and boys with bullying: an analysis of gender differences. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 10(12), 6820-6831. <http://dx.doi.org/10.3390/ijerph10126820>

Stark, A. M., Tousignant, O., & Fireman, G. D. (2019). Gender-Based Effects of Frames on Bullying Outcomes. *The Journal of Psychology*, 153(5), 555-574. <http://dx.doi.org/10.1080/00223980.2019.1578192>

Weber, L. N. D., & Dessen, M. A. (Eds.). (2011). *Pesquisando a família. Instrumentos para coleta e análise de dados*. Juruá.

World Health Organization. (2020). *Adolescent mental health*. WHO. Recuperado de <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/adolescent-mental-health>

Zequinão, M. A., Medeiros, P., Silva, J. L., Pereira, B. O., & Cardoso, F. L. (2020). Sociometric status of participants involved in school bullying. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 30, e3011. <https://doi.org/10.1590/1982-4327e3011>

Zequinão, M. A., Oliveira, W. A., Medeiros, P., Cidade, P., Pereira, B., & Cardoso, F. L. (2020). Punição física em casa e reprovação escolar relacionadas ao bullying. *Journal of Human Growth and Development*, 30(3), 434-442. <http://doi.org/10.7322/jhgd.v30.11111>

Wanderlei Abadio de Oliveira

Doutor em Ciências pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP-USP), em Ribeirão Preto, SP, Brasil. Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), em Campinas, SP, Brasil.

Jorge Luiz da Silva

Doutor em Ciências pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP-USP), em Ribeirão Preto, SP, Brasil. Docente do Programa de Pós-Graduação em Promoção de Saúde da Universidade de Franca (UNIFRAN), em Franca, SP, Brasil.

Simona Carla Silvia Caravita

Doutora em Psicologia pela Università Cattolica del Sacro Cuore (UNICATT), em Milão, Itália. Docente da Faculdade de Artes e Educação da University of Stavanger, em Stavanger (UiS), Noruega.

Marta Angélica Iossi Silva

Doutora em Ciências pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP-USP), em Ribeirão Preto, SP, Brasil. Docente do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem em Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP-USP), em Ribeirão Preto, SP, Brasil.

Manoel Antônio dos Santos

Doutor em Ciências pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP), em Ribeirão Preto, SP, Brasil. Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP), em Ribeirão Preto, SP, Brasil.

Endereço para correspondência

Wanderlei Abadio de Oliveira

Av. John Boyd Dunlop, s/n

Jd. Ipaussurama, 13060-904

Campinas, SP, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.